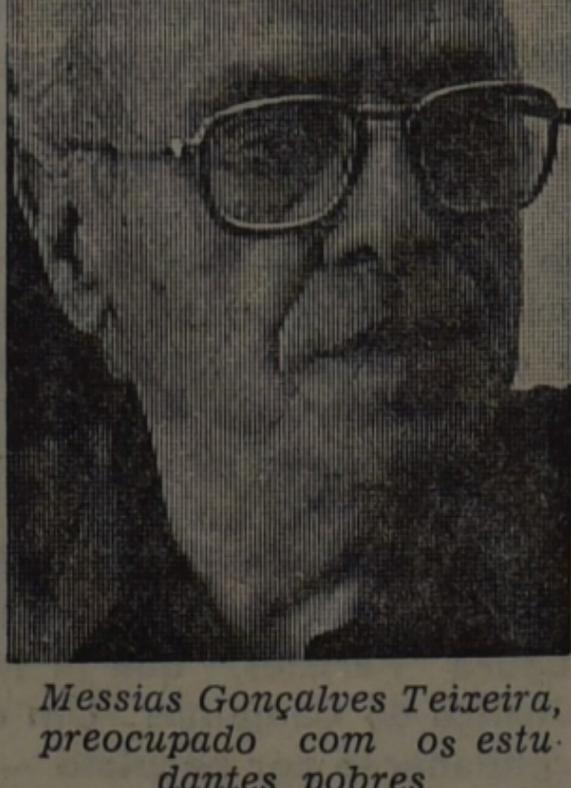


o último no CC



Messias Gonçalves Teixeira, preocupado com os estudantes pobres.

ACL pode fazer mais, diz Messias

O ex-professor e ex-livreiro Messias Gonçalves Teixeira, autor de uma biografia de São Vicente de Paulo e de um livro de Português prático, ingressa nesta 2.ª feira à noite na «imortalidade» conferida aos eleitos pela Academia Campinense de Letras. O novo acadêmico vai ocupar a cadeira 11, que pertencia até o ano passado ao advogado Carlos Foot Guimarães e tem como patrono o jornalista Júlio Mesquita.

Apesar da idade (78 anos), o fundador da livraria «M. Teixeira» entra na ACL com proposta de renovação. Espera dos colegas acadêmicos «maior espírito de iniciativa» e, como é tempo de Campanha da Fraternidade, sugere que a Academia «faça o possível para ajudar os estudantes que, embora pobres, constituem verdadeiros valores humanos».

A agremiação de letrados, reconhece, não tem recursos suficientes para tal empreitada, mas «poderia usar o seu prestígio» junto ao Estado para que este concedesse prêmios e bolsas de estudo aos alunos necessitados. «A educação está muito difícil, como a própria fraternidade», assinala, lembrando que «alguns estabelecimentos de ensino são depredados 18, 19 vezes».

Porém, «falar em educação e fraternidade», como propõe a campanha da Igreja, «é ter um ideal altamente sublime» — digno, por tanto, de uma Academia.

QUASE IMPOSSÍVEL

Como educador, Messias Teixeira deu a Campinas o Colégio Campineiro (que ele fundou em 1933 e que existiu até 1959 no lugar hoje ocupado pelo Colégio Batista) e a primeira escola normal noturna do Estado (que funcionou, de 1949 a 59, onde está instalada a Clínica Santo Antonio). Começou a lecionar aos 7 anos, conta ele, «dando aulas de bandomim».

Fez dois cursos (um de contabilidade, outro para o magistério primário) mas, autodidata, chegou a ensinar Ciências Econômicas na Universidade Católica de Campinas, em 1942 e 43. Em 59 fundou a «M. Teixeira» com o sócio Darci Paes de Pádua e vendeu livros a vista e a prazo até 69, quando um enfarte o afastou da atividade. Continuou, porém, escrevendo livros, e visitando semanalmente os pobres e doentes assistidos pela Sociedade São Vicente de Paulo.

O contato permanente com esta realidade ensinou o educador a reconhecer como «quase impossível» o acesso dos mais pobres à educação, que ele encara «com muita tristeza». Lembra que «antigamente a educação se distinguiu da instrução porque aquela vinha do lar e esta se aprendia na escola, mas hoje, infelizmente, o lar tem sido muito prejudicado pelos costumes da época e pelos problemas econômicos, que influem muito».

DEMOCRATIZAÇÃO

A democratização do ensino não é, porém, a única preocupação de Messias Teixeira. O novo acadêmico espera também dos colegas maior empenho na divulgação das «mais belas páginas literárias», sejam elas assinadas pelos seus autores preferidos (entre os quais contam-se Alexandre Herculano, Machado de Assis, José de Alencar e «o grande Latino Coelho») ou apócrifas. «Há coisas lindas de autores anônimos e que merecem ser conhecidas», diz.